



Fátima Nader Simões Cerqueira
Universidade de Brasília - UnB

O Espaço Da Escrita Na Produção De Marilá Dardot

As imagens paisagísticas produzidas por Marilá Dardot (Belo Horizonte, 1973) agenciam não somente sua forma estética e plástica mas também enunciam tempos-espacos produzidos pela palavra, constituindo um “acervo” constantemente reinventado. Nesse enfoque, a análise das obras escolhidas irá considerar o lugar – estável e inerte- e o espaço praticado, em relação à escrita e à leitura.

A apropriação da escrita do outro implica em tornar texto um topos que não é geométrico ou geográfico, porquanto a experiência poética do espaço na construção de uma cidade metafórica e indefinida. Já a leitura demanda um “tempo gasto”, podendo vincular-se a experiência do espectador, pois é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos escritos.

Seria, então, possível avaliar as feitura de “lugar”, considerando as figuras narrativas visuais nos “mapas”, expostos inerte e estavelmente ao observador, ao modo de uma cartografia. Mas, caso a leitura implique em algum deslocamento físico, surge a demanda de um percurso a ser realizado pelo sujeito espectador.

Só para ilustrar a questão, a composição ortogonal de 72 peças fotográficas que compõem Glossário para viver nas cidades (2005-8), é apresentada ao modo de um mapeamento alfabético de A a Z, formado por letreiros de fachadas arquitetônicas fotografadas em Barcelona, Paris, São Paulo e Cidade do México.

Já em Roubar Dele a Caminhada de um Dia (2004), o percurso a ser realizado pelo observador articula as projeções de continuidade (do tempo) e descontinuidade (do espaço) entre sujeito, paisagem urbana e obra literária. Enquanto um vídeo, com duração de sete minutos, expõe, no interior do museu, a filmagem do sol se pondo por sete dias consecutivos, bancos de praças públicas (três nos jardins externos e um dentro do Museu da Pampulha, disposto em frente ao monitor de vídeo) receberam a inscrição Roubar Dele a Caminhada de um Dia. A citação tomada de Ulisses, certamente, traduz o texto que fala do ato de vagar pensando, a caminho de se ver o pôr do sol, incitando o visitante a fazer o mesmo ao redor da lagoa.

Ou seja, a análise das obras da artista deve considerar o espaço em relação à escrita e à leitura, tanto em obras estáveis e inertes como em obras que implicam no espaço como lugar praticado.